

UM PONTO É TUDO



**FERREIRA
FERNANDES**
Jornalista

E o facto ficou a saber-se qual é

Ontem, o Ministério Público deu por concluído o processo do Freeport. Já ontem, portanto, ficámos a saber a resposta ao mistério que nos atazana há dois anos, desde que se falou de uma hipotética carta vinda da polícia inglesa e que, dizia-se, acusava o primeiro-ministro José Sócrates de ter sido corrompido. O mistério que havia para resolver era (escrevi em crónica, a 30/01/2009): “José Sócrates gamou? Um ministro que recebe luvas, o que faz é gamar. Gamou?” Isso eu escrevi há ano e meio. Sou peço em destrinçar uma carta rogatória de um tribunal de 2.ª instância, mas, quando se trata de perceber o essencial do meu país, sou fino e exacto. Sócrates gamou? – era essa a questão, e só. O essencial ajudava a desviar-nos do lançamento de primos e tio, ajudava a topar a malandrice de jornalista televisiva abanando um papel dizendo que a polícia inglesa dizia o que o papel não dizia, ajudava a não debicar o milho que magistrados deitavam a jornalistas estúpidos como pombos, ajudava a não aceitar que a soma de muitos “parece” não é necessariamente um “é”. O essencial era: Sócrates gamou? Um sujeito, um predicado e (o que não é menor num país de certezas vãs) um ponto de interrogação. Ontem, o Ministério Público disse que Sócrates não é arguido, nem acusado, nem sequer testemunha no processo do Freeport. Facto.